



Fundado no Sesquicentenário
da Batalha do Seival

O GAÚCHO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DO
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO
GRANDE DO SUL

23 anos do IHTRGS

Ano 2009

Nº 75

A Cota de Malha do Exército Brasileiro

Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas. Tu és responsável pela rosa... Antoine de Saint - Exupéry

Aparato dos exércitos medievais, a **Cota de Malha** era utilizada para proteger os antigos guerreiros; uma rede metálica flexível composta por uma série de pequenas argolas entrelaçadas, feitas de ferro polido ou de uma liga de metal resistente. Juntas, as pequenas peças forneciam resistência contra objetos cortantes e, unidas às armaduras, formavam vestimentas de combate usadas pelos antigos soldados.

Ao longo de sua fulgurante trajetória, com participação expressiva na história e nos eventos marcantes da formação da nacionalidade brasileira, o exército nacional agiu sempre em consonância com as aspirações de sua gente. Na longa caminhada, seus integrantes foram acumulando experiências e adquirindo virtudes, hauridas dos exemplos dos chefes e dos camaradas de armas, muitos deles heróis cultuados hoje no sublime panteão da Pátria.

A prática e o permanente exercício das mais nobres virtudes do cidadão enrijeceu-lhes o caráter. O farol que os iluminava sempre foi o interesse nacional, acima de qualquer outro menos importante, e o rumo seguido apontava para um porvir grandioso emoldurado pela decência, a ética, o despojamento e a entrega. No caminho percorrido, esses soldados encontraram inúmeros obstáculos. Não esmoreceram; perseveraram na busca do ideal acalentado: transmitir às novas gerações uma nação livre e soberana e uma instituição respeitada por seus conterrâneos.

O compromisso dos que passaram, dos que o compõem hoje e, com certeza, dos que virão futuramente é o mesmo: indeformável, uno e indivisível. Semelhante ao bom concreto cuja resistência aumenta com o passar dos tempos.

Não importam as circunstâncias e as insidiosas e recorrentes campanhas difamatórias, com o objetivo de indispor-los com a nação brasileira.

A **Cota de Malha do Exército de Caxias**, o escudo que o protege, teve início em Guararapes, num notável caldeamento de raças e de vontades para expulsar o invasor, e continuou na sublime saga ao longo dos tempos: nas lutas pela independência; na manutenção da unidade conquistada durante o império; na abolição da escravatura; nos ideais republicanos e no combate consciente e patriótico contra ideologias estranhas. Ela foi construída e tecida

cuidadosamente com carinho e esmero, pelos exemplos dignificantes do mérito e do trabalho anônimo. Enfim, pela firme decisão de SERVIR à Pátria e à sua gente.

Diferente dos tempos remotos onde era possível enxergá-la imediatamente, a véstia atual, tecida pacientemente pelos exemplos e as virtudes referidas, continua a proteger os soldados de hoje. Parece invisível aos olhos desatentos, mas tem uma consistência maior do que a anterior, pois suas peças são indeformáveis - um triângulo virtuoso - constituídas de três tentos igualmente importantes e resistentes: **a hierarquia; a disciplina e a camaradagem.**

Nosso dever, pois, dos soldados de hoje, dos que passaram e dos que virão, é o de não permitir que essa consistência - a estrutura moral, afetiva e a capacidade operacional herdada dos nossos antepassados - seja vilipendiada.

Viva o Exército Brasileiro!

Gen Carlos Augusto Fernandes dos Santos

O Terceiro Fio da Cota D'Armas

CAMARADAS:

Nas "falas" de ministros e Oficiais Gerais promovidos, há muito que me chama a atenção a insistência na lembrança (como se fosse necessário que nos lembrassem) dos fundamentos **HIERARQUIA E DISCIPLINA**. A própria mídia, quando fala em FFAA, em especial no EB, sempre acha um meio de inseri-los no texto.

No meu julgamento, esses civis, que destas colunas mestras nada sabem, porque nunca delas, de ambas, ou de cada qual, isoladamente, mostram-se devotados seguidores mesmo quando Leis e Regimentos lhes apontam o apertado caminho da Disciplina (Consciente, dileta filha do Bom Caráter e da Conduta Ilibada) - como supostamente aconteceu na redação da última Constituição - não têm autoridade moral para delas falar, sequer, para conscritos em formatura de dispensa de incorporação, menos a têm para Gerais.

Sintomaticamente, eles - os mesmos ministros - não falam da CAMARADAGEM. Precisamente ela, a origem da LEALDADE, DA AMIZADE CONFIANTE E DA INARREDÁVEL SOLIDARIEDADE de prática de inescapável obrigatoriedade, mesmo entre CAMARADAS QUE AINDA SE NÃO CONHEÇAM, todos atributos que estão no cerne da HIERARQUIA e da DISCIPLINA, estas, ambas, que amalgamadas, nascem da mesma origem que se chama RESPEITO. Mas respeito que não quer dizer deferência transitória e circunstancial só dos Regulamentos advindas, mas, com tais origens e, especialmente, respaldadas no mérito sabido e na competência provada.

Nós mesmos temos sido os culpados pelo seu apoucado uso, de uns tempos a esta parte.

Desde que **a esquerdalha** passou a abusar do vocábulo, nos parecia impróprio nos chamar CAMARADAS, ou falar da e na CAMARADAGEM, sem que nos sentíssemos muito próximo do odor que trazem a "companheirada" dos ajuntamentos desleais.

Mas o "*camarada Lenin*", e os demais dessa extração, nem sabiam a quê se referiam quando diziam-se ou se dizem 'camaradas'.

Porque, CAMARADAGEM, esta palavra, este sentimento, não conheciam e não conhecem.

Mas, a CAMARADAGEM já moldava nosso jeito de ser e já existia no nosso linguajar, estava inserida nas nossas ORDENANÇAS já, e desde os antigos castros, onde os alojamentos se chamavam CÂMARAS e os que os usavam se diziam CAMARADAS.

Nos castros, tudo era conhecido por CÂMARA: - **de fogo; do rancho; do paiol** e etc., etc.

Posso entender esta necessidade de esconder o vocábulo, nas suas “falas” aos Homens do Castro porque, desleais e traiçoeiros, da verdadeira CAMARADAGEM nada sabem.

Mas sabem, sim, que ela é uma das três colunas do tripé da nossa Força.

Não se faz mocho sem três pernas, feixes com menos de três elementos, nem se verá trança de couro com menos que três tentos e, talqualmente, não se faz SARILHO sem a terceira arma, nem equipagem de peça de fogo, carro ou pontão com menos do que três homens, três **CAMARADAS**.

Não por acaso as COTAS D'ARMAS, única armadura dos homens do castro daqueles tempos dos **engenheiros de fogo** que, muito depois, se chamariam **artilheiros**, eram formadas pelo trançado de três fios de aço COM IDÊNTICAS BITOLAS, IDÊNTICA RESILIÊNCIA(*) E IDÊNTICA RESISTÊNCIA, fios que eu identifico, hoje, como os únicos da nossa **COTA D'ARMAS: HIERARQUIA, DISCIPLINA E CAMARADAGEM**.

O Exmo. Sr. **Gen Leônidas** esteve em visita ao CMS. Dessa visita, fiquei sabendo pelo NE de 05 Set 2008.

Pois o Chefe, na sua fala aos presentes tratou, precisamente, da **CAMARADAGEM**, e abro aspas:

"Ao se dirigir aos Oficiais, Subtenentes e Sargentos presentes à formatura, o General Leônidas lembrou a época em que comandou o então III Exército e acrescentou a CAMARADAGEM, junto à hierarquia e à disciplina, como mais um dos pilares que sustentam as Forças Armadas".

Assim que li o NE, tratei de telefonar para o Chefe cumprimentando-o pela importância que deu ao tema. E, para minha surpresa, o Chefe me contou a tradicional história - que, dele mesmo, eu já a havia escutado, anteriormente - da **COTA DE MALHA**, enfatizando e lembrando que este **terceiro fio de aço** não pode deixar de estar presente na nossa **ARMADURA**, na nossa **COTA D'ARMAS**, nestes tempos que correm.

Há dias que desejo transcrever estes meus sentimentos e a fala do **Gen Leônidas**.
Era o que tinha para relatar.

Gen Bda R/1 Tibério Kimmel de Macedo

(*) Resiliência é um conceito oriundo da física, que se refere à propriedade de que são dotados alguns materiais, de acumular energia quando exigidos ou submetidos a estresse sem ocorrer ruptura. Após a tensão cessar poderá ou não haver uma deformação residual causada pela histerese do material - como um elástico ou uma vara de salto em altura, que se verga até um certo limite sem se quebrar e depois retorna com força, lançando o atleta para o alto.

No meio corporativo, o termo “Resiliência” significa a capacidade de adaptação às mudanças, ou seja, como reformular os processos para atender às novas exigências.

1861 – A QUESTÃO CHRISTIE

Em 02Abr1861 o navio inglês Prince of Wales, embarcação movida à vela e com quatro anos de uso, zarpou de Glasgow, Escócia, com destino a Buenos Aires, carregando carvão de pedra, engradados de louças, caixas com lenços e fazendas, pipas e barricas com azeite e vinho. Entre 05 e 08 de junho ele encalhou e começou a adernar próximo ao farol de Albardão, localizado em uma região deserta e de praias perigosas, a 87 quilômetros da barra do arroio Chuí, no Rio Grande do Sul.

Diante disso, os tripulantes do barco o abandonaram e partiram rumo à cidade de Rio Grande, para avisar à Capitania dos Portos o que estava acontecendo. Nesse ínterim alguns populares em terra tomaram conhecimento do ocorrido e resolveram levar a carga transportada pelo navio encalhado, porque já a davam como perdida. Quando os marinheiros britânicos retornaram para tentar rebocar o Prince of Wales, encontraram na praia os corpos sem vida de dez dos seus companheiros, e ao constatarem em seguida o prejuízo que haviam sofrido, decidiram apresentar uma reclamação ao embaixador inglês William Doughal Christie, que a encaminhou ao imperador D. Pedro II juntamente com o pedido de indenização e desculpas, tendo recebido resposta negativa.

Nessa mesma época, no Rio de Janeiro, dois marinheiros britânicos, tripulantes da fragata Emerald, embriagaram-se e brigaram com marinheiros brasileiros, também bêbados, por causa das mulheres que estavam em companhia destes, resultando daí uma grande pancadaria. A polícia portuária acudiu, bateu em todos e os levou presos, soltando-os no dia seguinte. Dois dias depois o ministro dos Negócios Estrangeiros do Brasil, Antônio Coelho de Sá e Albuquerque, enviou nota ao embaixador britânico pedindo que os responsáveis pela agressão aos brasileiros fossem colocados à disposição das autoridades nacionais, o que deixou William Christie ainda mais nervoso, levando-o a retornar à presença do imperador brasileiro e apresentar-lhe a ameaça de que se a indenização não fosse paga, e os marujos brasileiros presos, a marinha britânica fecharia a entrada da baía de Guanabara. Recebeu como resposta a informação de que o Brasil estaria pronto para a guerra.

Diante disso, em abril de 1862, a Inglaterra enviou uma canhoneira que ameaçou atacar a cidade gaúcha de Rio Grande. Oito meses depois, uma esquadra de guerra comandada pelo almirante Warren, bloqueou o porto do Rio de Janeiro, apreendeu cinco navios brasileiros que ali estavam fundeados, e exigiu do governo uma indenização de 3,2 mil libras esterlinas. Esse incidente enfureceu a população da capital, que promoveu diversas manifestações de protesto e ameaçou praticar represálias contra as propriedades inglesas existentes no país. Resultou daí que as relações entre as duas nações se tornaram extremamente tensas, mas como a questão precisava ser resolvida, e o rei Leopoldo, da Bélgica, tio da rainha Vitória, da Inglaterra foi nomeado como árbitro.

Acreditando que o veredicto seria contrário aos interesses nacionais D. Pedro II decidiu pagar antecipadamente a indenização pleiteada pelos ingleses, por considerar que a discussão não envolvia questões de dinheiro, e sim o desrespeito inglês à soberania nacional do Brasil. Ao tomar conhecimento de que os ingleses haviam perdido a causa, o imperador brasileiro passou a exigir a devolução do dinheiro e a apresentação de desculpas por parte do embaixador inglês, mas não conseguiu receber nem uma coisa, nem outra. As relações entre Brasil e Inglaterra só foram restabelecidas dois anos mais tarde, diante dos acontecimentos que acabaram provocando a guerra do Paraguai.

O naufrágio do navio inglês Prince of Wales vitimou 16 pessoas, deixando o saldo de 12 cadáveres insepultos e provocando um incidente que redundou na ruptura temporária das relações diplomáticas entre Brasil e Inglaterra. Até hoje, quando a maré está baixa, a carcaça do veleiro desponta no Albardão, mantendo viva a lembrança de um naufrágio que é polêmico e célebre porque sepultou súditos da nação mais poderosa do século 19, na praia que, com seus 220 Km de extensão é considerada a maior do mundo (fonte: Internet – Google).

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel – Vice-Presidente e Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS –
(lecaminha@gmail.com)